

A Agricultura familiar no município de Água Santa –  
RS: um estudo de caso dos indicadores agropecuários,  
estratégias de diversificação e autoconsumo em duas  
unidades de produção

Hélder Bezzuti <sup>1</sup>

Luiz Fernando Fritz Filho<sup>2</sup>

Karen Beltrame Becker Fritz<sup>3</sup>

**Resumo**

*Nas últimas décadas as recentes transformações agrícolas e agrárias vêm colocando em destaque as unidades produtivas familiares. No Brasil a produção familiar é representada por 4.367.902 estabelecimentos, totalizando 84,4% das propriedades rurais do país (Censo Agropecuário 2006). No Estado do Rio Grande do Sul a produção familiar atinge 378 546 estabelecimentos em uma área de 6.171.622 ha. Nesse contexto, este estudo analisa os indicadores de produção da agricultura familiar no município de Água Santa (município que contempla 85% de estabelecimentos familiares). Foram caracterizadas as*

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Econômicas UPF/RS.

<sup>2</sup> Doutor em Desenvolvimento Rural. Mestre em Economia Rural/UFRGS. Bacharel em Administração/PUCRS. Professor da Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da UPF/RS. E-mail: fritz@upf.br.

<sup>3</sup> Doutora em Desenvolvimento Rural. Mestre em Economia Rural/UFRGS. Bacharel em Ciências Econômicas/UFRGS. Professora da Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da UPF/RS. Professora da Faculdade de Direito da UPF/RS. E-mail: karenfritz@upf.br

*relações produtivas e as estratégias de produção através da análise de duas unidades produtivas familiares. Entre os resultados ressalta-se que as unidades familiares apresentam peculiaridades que minimizam o êxodo rural dos produtores. Fatores como a colonização capacitaram os produtores a desenvolverem formas de associativismo em conjunto com a diversificação comercial e para o autoconsumo, vindo ao encontro das novas estratégias de manutenção dos produtores rurais no campo.*

**Palavras-chave:** *agricultura familiar, diversificação, sistemas de produção*

### **Abstract**

*In recent decades, agricultural and agrarian transformations have placed emphasis on the family production units. In Brazil, family farming is responsible for 4,367,902 establishments representing 84.4% of properties in the country (Census of Agriculture 2006). In the State of Rio Grande do Sul household production reaches 378,546 establishments in an area of 6,171,622 ha. In this context, this study examines indicators of family farming production in the municipality of Agua Santa (municipality which includes 85% of family farms). We characterized the relations of production and the production strategies through analysis of two family production units. Among the results we emphasize that the family units have distinctive characteristics that minimize the exodus of producers. Factors such as the colonization enabled producers to develop forms of association alongside the diversification for trade and the self-consumption, coming to meet the new maintenance strategies of producers in the field.*

**Keywords:** *family agriculture, diversification, production systems*

## **Introdução**

Ao longo das últimas décadas as diversas mudanças ocorridas na economia mundial resultaram em impactos, tanto positivos quanto negativos, no desenvolvimento do setor agrícola, sobretudo modificando as estruturas produtivas das propriedades e as dinâmicas das famílias residentes no meio rural.

Tais mudanças destacam-se no país, notadamente, a partir do processo de modernização da agricultura, resultando em mudanças técnicas (como o plantio direto), a soja transgênica e o uso de tecnologia

poupadora de mão de obra no campo, proporcionando o aumento das escalas de produção e expulsando agricultores do campo. Em meados da década de 1970, impulsionado principalmente por esse processo de modernização, houve a expansão da fronteira agrícola, com ênfase na ampliação da produção de soja em propriedades rurais do sul do país, principalmente nos estados do Rio Grande do Sul e do Paraná (ALBUQUERQUE; NICOL, 1987; MARQUES; AGUIAR, 1993).

O crescimento acentuado da produção da cultura da soja pode ser também explicado pelo incremento das cotações internacionais e ampliação da criação de rebanhos em confinamento na Europa e nos Estados Unidos. Na década de 1980 a expansão da soja fora em direção ao cerrado da região centro-oeste, essencialmente nos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás, entretanto em menor velocidade, visto que os solos arenosos do cerrado são menos férteis, necessitando calcário e adubação mais pesada (MARQUES; AGUIAR, 1993). Em face da expansão, houve também a elevação dos preços dos insumos agrícolas, mesmo com as novas técnicas de produção, como o plantio direto e mais tarde a soja transgênica, que contribuíram para a diminuição, já na década de 1990, da rentabilidade da cultura (BLUM, 1999).

Estudar essas dinâmicas do mercado agrícola envolve compreender, acima de tudo, como os sistemas de produção reagiram a partir desses processos, no sentido de modificação de sua estrutura de custos e escalas de produção, cujos fins residem na obtenção de um nível ótimo de produção, que por sua vez maximiza o lucro da unidade produtiva, permitindo a continuidade das atividades no seio das unidades de produção.

Neste sentido deve-se olhar com cautela a produção ligada à agricultura familiar no Brasil, categoria responsável por uma parcela significativa da produção nacional. Segundo dados do censo agropecuário do ano de 2006 havia 4.367.902 estabelecimentos da agricultura familiar, representando 84,4% dos estabelecimentos brasileiros, embora somando apenas 24,35% em relação à área ocupada pelos estabelecimentos brasileiros (CENSO AGROPECUÁRIO, 2006).

O sistema agropecuário familiar assumiu no país um papel social inquestionável, entretanto sua sobrevivência é incerta. O mundo

contemporâneo colocou o sistema familiar de produção num contexto socioeconômico próprio e delicado, no entanto sua importância ganha ainda mais força quando se questionam o futuro das pessoas que subsistem do campo, a problemática do êxodo rural e a desigualdade social no campo e nas cidades.

O grande número de propriedades rurais existentes nesta categoria diverge em termos de tamanho, capital e tecnologia, tornando as prioridades, de característica familiar, diferentes. Em algumas regiões, fatores como grupamentos locais, associações e cooperativas possibilitam a permanência do sistema familiar e, em outros fatores, como a diversificação produtiva ou pluriatividade, este sistema se destaca. Ou seja, atualmente verificam-se estratégias distintas de sobrevivência, diferenciadas no seio das unidades de produção familiar.

### **Diversificação na agricultura familiar**

A agricultura familiar no Estado do Rio Grande do Sul revela uma importante tendência de diversificação produtiva presente em expressiva proporção do meio rural sul-brasileiro desde meados da década de 1990<sup>4</sup>. Para Santana *et al.* (2009) na discussão acerca da diversificação, é necessário distinguir a diversificação agrícola da diversificação rural. A primeira modalidade refere-se à implantação de duas ou mais atividades agropecuárias em uma propriedade. Já a diversificação rural refere-se à implantação simultânea de atividades agrícolas e não agrícolas em uma propriedade, configurando-se por meio de um mercado relativamente indiferenciado que combina a prestação de serviços manuais com o emprego temporário nas indústrias tradicionais ou as atividades urbanas do setor terciário com o conjunto das atividades agropecuárias.

Ellis procurou explicar a utilidade e a função da diversidade na compreensão e operacionalização da abordagem dos meios de vida. Para

---

<sup>4</sup> Para ilustrar esta constatação em relação ao estado do Rio Grande do Sul sugere-se ver os estudos de Rathmann *et al.* (2008), Vargas e Oliveira (2010) e Niederle e Wesz Junior (2009) entre outros.

o autor é importante perceber a capacidade de diversificação dos meios de vida, que cria a diversidade em processos sociais e econômicos e que se reflete em fatores que pressionam e oportunizam as famílias a diversificação do seu meio de vida, como também seu local (ELLIS, 2000).

Segundo Ellis:

Diversificação do meio de vida não é somente um sinônimo de diversificação de renda. O termo diversificação de renda refere-se aos rendimentos diversos da composição do agregado familiar num determinado instante no tempo; diversificação do meio de vida, por outro lado, interpreta isso como um processo social ativo que é observado quando a família contrata cada vez mais intrincadas carteiras de atividades ao longo do tempo (2000).

Em conjunto com as estratégias de diversificação da agricultura, a produção destinada ao autoconsumo familiar apresenta-se como fator explicativo da condição social e econômica na agricultura familiar, ou seja, torna-se um elemento que assegura e amplia certa condição de autonomia das unidades.

Neste sentido, Ploeg (1990) discute a possibilidade de os produtores manterem uma reprodução autônoma e historicamente garantida. Griza (2007) amplia a discussão ao afirmar que:

[...] a força de trabalho, os objetos e os meios necessários para o ciclo produtivo são frutos do ciclo precedente, não aparecendo como mercadorias, mas como valores de uso para a unidade familiar. A produção agrícola atual, dependente da reprodução em ciclos anteriores, coloca a base para os ciclos futuros, tornando a reprodução (e o ciclo produtivo) historicamente garantida.... Neste sentido, a produção para o autoconsumo é vista como uma estratégia que contribui para a reprodução autônoma e historicamente garantida, em virtude de manter interna à família, e sob controle desta, a alimentação, uma dimensão vital para sua existência (1990, p. 51).

No contexto da diversificação das atividades produtivas e sociais na agricultura familiar ocorre a inserção do produto agroindustrial nos mercados como forma de diversificação. A partir das relações de reciprocidade<sup>5</sup> e de intercâmbio que ocorrem entre os agricultores familiares, formam-se redes sociais decorrentes das conexões existentes entre os membros, cujas ligações podem ser por estruturas informais das relações de reciprocidade – como o parentesco, o compadrio, a vizinhança e a amizade – ou por estruturas formais como a igreja, os partidos políticos, o movimento sindical, a associação, a cooperativa, entre outros.

Uma ilustração acerca do tema foi construída por Tesche (2007) em sua análise das relações de reciprocidade e redes de cooperação dos produtores de leite no município Sete de Setembro no Estado do Rio Grande do Sul. Para Tesche:

Os produtores de leite pesquisados caracterizam-se pelo modo de vida da agricultura familiar. Internamente, produzem para o autoconsumo e comercializam o excedente a fim de suprirem as necessidades dos membros familiares. Essas características herdaram do modo de vida camponês europeu dos imigrantes que se estabeleceram no sul do Brasil. Isto explica a importância da contribuição dos estudos de Alexander Chayanov sobre as relações endógenas e as decisões adotadas no processo produtivo, assim como os estudos de Ricardo Abramovay e José Graziano da Silva são importantes contribuições para entender as transformações do meio rural no processo de mercantilização e a modernização da agricultura familiar. Entretanto, nas relações exógenas, esses produtores de leite também apresentam características oriundas dos camponeses quando se relacionam com seus vizinhos nas suas comunidades, assim como nas relações com o mercado e o Estado (2007, p.19).

---

<sup>5</sup> Ver os referenciais teóricos sobre reciprocidade a partir da antropologia de Eric Wolf, a abordagem sociológica de Marcel Mauss, e a economia de Karl Polanyi.

A contribuição deste estudo se dá através da análise dos indicadores agropecuários das unidades de produção familiares no Estado do Rio Grande do Sul, especialmente do município de Água Santa localizado no noroeste do Estado. Para qualificar as informações, em um segundo momento, foram investigadas duas unidades familiares do mesmo município, com especial atenção para as estratégias apropriadas pelas unidades para sua sustentabilidade econômica ao longo do tempo.

### **Estruturação do artigo**

Para contemplar os objetivos, o presente artigo foi segmentado em quatro partes: 1. Introdução; 2. Metodologia; 3. Análise da estrutura de produção do município de Água Santa (uso de indicadores próprios à agricultura familiar) e, por fim; 4. Caracterização das relações produtivas e estratégias de manutenção de duas unidades familiares no setor agrícola do município (base empírica derivada de dois estudos de caso realizados em unidades familiares de Água Santa).

### **Metodologia**

*Análise de variáveis acerca da agricultura do Estado e do município de Água Santa.*

#### No Estado

- a) Número de estabelecimentos e área da agricultura familiar e não familiar no Rio Grande do Sul;
- b) Produção da agricultura familiar no Estado do Rio Grande do Sul;
- c) Produção animal da agricultura familiar no Estado do Rio Grande do Sul;

#### No município de Água Santa

- a) População urbana, rural, total e taxa de urbanização do município de Água Santa;

- b) Valor adicionado fiscal por atividade econômica do município de Água Santa;
- c) Uso da terra e produção;
- d) Condição do produtor familiar;
- e) Máquinas e implementos dos estabelecimentos;
- f) Estabelecimento e área da agricultura familiar no Estado do Rio Grande do Sul e no município de Água Santa;
- g) Máquinas e implementos dos estabelecimentos familiares do município de Água Santa.

#### Fonte de Dados

Dados obtidos através do Censo Agropecuário 2006 (Brasil, grandes regiões e unidades da federação e suplemento da agricultura familiar) e da Fundação de Economia e Estatística (FEE).

#### *Estudos de caso*

##### *Definição dos estudos de caso da Pesquisa*

Segundo Yin (2005), os projetos de pesquisa podem se utilizar de casos únicos ou casos múltiplos de análise. Entre os estudos de casos simples o autor caracteriza os chamados “estudos de casos incorporados”, nos quais o mesmo estudo de caso pode envolver mais de uma unidade de análise. Isso ocorre quando, dentro de um único caso, se dá atenção a uma subunidade ou a várias subunidades. Neste estudo foram selecionadas duas unidades de produção agrícola. O critério de escolha das propriedades baseou-se na Lei n. 11.326, de 24 de julho de 2006, para definição de agricultura familiar.

##### *Evidências ou fontes de dados dos estudos de caso*

Neste estudo de caso foram evidenciadas as seguintes fontes de dados, a saber: a) entrevistas com os responsáveis pelas unidades de produção visitadas; b) observações diretas; e c) documentação. O conjunto das fontes descritas permitiu a análise dos dados por meio de dois eixos



condutores: (1) caracterização socioeconômica das unidades; (2) análise de indicadores agroeconômicos.

*Caracterização Socioeconômica das Unidades de Produção da Área Rural de Passo Fundo – Estudo de Caso*

- Perfil; Questões Fundiárias; Atividades de Produção da Unidade; Outras Atividades praticadas na unidade;

*Análise de Indicadores Agroeconômicos Empreendidos nas Unidades de Produção de Água Santa – Estudo de Caso*

Foram coletados dados para o cálculo de indicadores agroeconômicos das unidades pesquisadas, os quais derivam da obra de Dufumier (2007). O conceito e forma de cálculo são apresentados nas tabelas abaixo:

a) Superfície da unidade e produção bruta por tipo de atividade comercial e produção destinada ao autoconsumo da(s) família(s) residentes(s) no interior das unidades produtivas em estudo no município de Água Santa (Tabela 1).

Tabela 1 - Superfície total e superfície agrícola útil e Produto Bruto por cultivo das unidades investigadas no município de Água Santa/RS.

Indicador	Cálculo	(hectares)	(%)
Superfície total	Número de ha total	ha	100%
Superfície agrícola útil	Área agriculturável	ha	%
Superfície produção vegetal	SAU (ha)	ha	%
Produção Vegetal	Valor final dos produtos	Em R\$	%
Produção Animal	Valor final dos produtos	Em R\$	%
PB total	Somatório valor final da produção	R\$	100%

Produto bruto autoconsumo	Divide-se em:		
Animal	Produto x quantidade consumo familiar (preços de mercado)	R\$	%
Vegetal	Produto x quantidade consumo familiar (preços de mercado)	R\$	%

Fonte: Adaptado de Dufumier, 2007.

b) Indicadores relacionados a custos e despesas da unidade associados à totalidade das receitas oriundas na unidade de produção e às receitas geradas de outras fontes de renda (Tabela 2).

Tabela 2 - Indicadores socioeconômicos apropriados à análise de sistemas de produção das unidades investigadas no município de Água Santa/RS

Indicador	Fórmula	Valores
CI total (R\$)	Insumos + serviços	R\$
DEP	$Dep = \sum (Q_i * BEN_i) + \sum (Q_i * EQU_i) / VR_i$	R\$
VAB	$VAB = PB - CI$	R\$
VAL	$VAL = VAB - Dep$	R\$
RA	$RA = VAL - DVA$	R\$
RT	$RT = RA + RA\tilde{N}A + RAPOS + ROTS + REX^*$	R\$

Fonte: Adaptado de Dufumier, 2007.

\* RAÑA = rendas não agrícolas; RAPOS = renda de aposentadorias; ROTS = renda de outras transferências sociais; REX= rendas externas.

c) Combinação de indicadores econômicos para mensurar a produtividade de cada fator envolvido no processo produtivo desenvolvidos nas unidades de produção investigadas no estudo (Tabela 3).

Tabela 3 - Indicadores socioeconômicos dos sistemas de produção investigados nas unidades familiares do município de Água Santa/RS – Combinação de Indicadores

<b>Indicador</b>	<b>Observações adicionais</b>
VAB/SAU	Avalia a produtividade da terra (VAL = valor sem a depreciação)
RA/SAU	Avalia o rendimento da terra na Unidade de Produção
RA/SAU	Contribuição de cada unidade de área para a renda agrícola
VAB/UTH	Contribuição de 1 UTH em termos de Valor Agregado – capacidade de riqueza da mão de obra – avalia a produtividade do trabalho familiar ou contratado; VAL = valor sem a depreciação
RA/UTHf	Contribuição de 1 UTH (familiar) em termos de renda agrícola (rendimento do trabalho na unidade)
SAL/UTH	Ocupação em hectares de uma unidade trabalho homem;

Fonte: Adaptado de Dufumier, 2007.

d) Análise das relações associativas, de reciprocidade e elementos de solidariedade e trocas entre os atores investigados.

### **A agricultura no Estado e o padrão produtivo do município de Água Santa**

No Rio Grande do Sul observam-se algumas consequências do processo de modernização agrícola. Quanto à evolução, em relação à produção e ao tipo de alimentos produzidos, entre 1950 e 1990<sup>6</sup>, verifica-se o aumento de determinadas culturas como arroz, milho e soja. Inversamente, há uma redução na quantidade produzida de mandioca, trigo e feijão, culturas habitualmente associadas à subsistência. Houve um ligeiro crescimento agrícola entre 1965 e 1975, através da expansão da produção de soja, bovinocultura, atividade leiteira, trigo e arroz, o

---

<sup>6</sup> Dados Brutos IBGE (censos agropecuários entre 1950 e 1995/96)

que levou o Rio Grande do Sul, na época, à condição de "*celeiro do Brasil*".

A oferta de crédito rural, no período, foi acompanhada pela criação de um parque especializado em linhas de implementos agrícolas e insumos, o que corroborou para a substituição dos sistemas produtivos de policulturas (que em muitas situações representavam também culturas de subsistência) por sistemas caracterizados por monoculturas<sup>7</sup>.

Neste quadro, destaca-se o cultivo da soja, que até o início da década de 1970 foi a cultura responsável por cerca de dois terços da produção nacional do grão<sup>8</sup>. Um fator limitante à maior expansão produtiva nas culturas já citadas foi o alcance do teto existente em áreas destinadas a grandes lavouras no Estado<sup>9</sup>.

O setor agropecuário alcançou, recentemente, um expressivo crescimento de produtividade<sup>10</sup>, conjuntamente a significativas modificações na dinâmica ocupacional, através da queda do número de famílias ocupadas na atividade agrícola no Rio Grande do Sul. Entre 1981 e 1997 houve uma diminuição de 345 mil famílias<sup>11</sup>.

A estrutura fundiária do Estado, entre as décadas de 1960 e 1990, apresentou um aumento significativo da concentração de área, notadamente nos estabelecimentos com tamanho superior a 500 hectares. A partir de 1990 destaca-se a diminuição do total de

---

<sup>7</sup> Para Müller (1998) a "*febre da soja*" foi responsável pelo Estado ter se transformado no maior mercado nacional para certas linhas de máquinas e insumos agrícolas, junto com uma política de crédito oficial que estimulou desperdícios como a implantação de um parque de esmagamento do grão e produção de óleo, que se tornaria ocioso à medida que novos estabelecimentos entravam em operação sem que a produção crescesse no mesmo ritmo.

<sup>8</sup> Müller (1998).

<sup>9</sup> A área destinada para culturas temporárias em 1970 foi de 4.022.461 e em 1995/96 foi de 4.473.294 (IBGE, Censos Agropecuários 1970-1995/96).

<sup>10</sup> Entre 1980 e 1995 houve um aumento na ordem de 78% no rendimento físico das lavouras de grãos e uma queda de cerca de 1,7 milhão de hectares utilizados por este tipo de cultivo. Entre 1990 e 1998 o setor agropecuário do Estado registrou uma taxa média de crescimento de 2,4% ao ano, e nas culturas de lavoura 12,4% de crescimento para o ano de 1999 (Schneider e Waquil, 2004).

<sup>11</sup> Ver em Schneider e Navarro (2000) *apud* Schneider e Waquil (2004).

estabelecimentos e área em propriedades pertencentes a estratos com tamanho entre menos de 10 e 100 hectares<sup>12</sup>.

Uma consequência dos processos de ocupação de terras e da modernização é a significativa variação nos indicadores sociais, de desenvolvimento e de produção na agricultura. As diversidades regionais podem ser avaliadas sob diferentes olhares, vieses teóricos e recortes territoriais. Este estudo privilegia uma análise junto a unidades de produção agrícolas familiares sob a óptica da análise dos sistemas produtivos desenvolvidos nas unidades no município de Água Santa localizado na região do Planalto Médio do Estado do Rio Grande do Sul.

No Rio Grande do Sul a produção agrícola familiar merece destaque, pois a categoria está representada por 378.546 estabelecimentos em uma área de 6.171.622 ha (Tabela 4).

Tabela 4 - Número de estabelecimentos e área da agricultura familiar e não familiar no Rio Grande do Sul

Agricultura familiar	Total de estabelecimentos	Área total (ha)
Total	441 467	20 199 489
Agricultura familiar	378 546	6 171 622
Não familiar	62 921	14 027 867

Fonte: Censo Agropecuário, 2006.

Ao vislumbrar-se a produção vegetal familiar cerca de 25% dos estabelecimentos produzem soja, em torno de 60% milho e aproximadamente 4% trigo (Tabela 5).

---

<sup>12</sup> Dados obtidos pelos Censos Agropecuários do IBGE (censos agropecuários entre 1950 e 1995/96).

Tabela 5 - Produção da agricultura familiar no Estado do Rio Grande do Sul

Variáveis selecionadas	Agricultura familiar	Não familiar
Produção Vegetal		
Milho em grão		
Estabelecimentos	226 311	24 904
Quantidade produzida (kg)	3 480 534 741	1 753 775 829
Soja		
Estabelecimentos	89 047	16 039
Quantidade produzida (kg)	2 663 493 931	4 802 161 365
Trigo		
Estabelecimentos	14 382	5 384
Quantidade produzida (kg)	240 684 137	799 704 230

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2006

Quanto à produção animal, cerca de 75% dos estabelecimentos possuem criação de bovinos, 70% apresentam criação de aves, 55% possuem atividade de criação de suínos e aproximadamente 50% das unidades possuem a atividade leiteira (Tabela 6).

Tabela 6 - Produção animal da agricultura familiar no Estado do Rio Grande do Sul

Variáveis selecionadas	Agricultura familiar	Não familiar
Pecuária		
Bovinos		
Estabelecimentos	283 768	46 133
Número de cabeças em 31.12	4 063 020	7 121 228
Leite de vaca		
Estabelecimentos	183 249	21 909
Quantidade produzida (litros)	2 079 863 338	375 747 938
Aves		
Estabelecimentos	263 230	33 466
Número de cabeças em 31.12	113 508 631	27 981 483
Ovos de galinha (dz.)	74 253 097	203 583 750
Suínos		
Estabelecimentos	209 282	24 787
Número de cabeças em 31.12	3 942 427	1 669 004

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 2006.

A importância da agricultura familiar no Rio Grande do Sul é revelada pela sua representatividade em alguns municípios do Estado. Neste quadro, destaca-se o município de Água Santa, emancipado em 8 de dezembro de 1987, através da lei estadual nº 8461. Município desmembrado de Tapejara, localiza-se no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, fazendo parte da microrregião Passo Fundo, abrangendo uma área de 299,8 km<sup>2</sup> com divisa com os municípios de Tapejara, Vila Lângaro, Santa Cecília do Sul, Ciríaco, Gentil e Mato Castelhano, localizado a 755 metros acima do nível do mar (IBGE, 2007).

No município de Água Santa, cerca de 61% da população reside em área rural. Cabe destacar que, na década de 1990, este percentual atingia

79%, ou seja, as taxas de urbanização do município nas últimas décadas permaneceram relativamente baixas quando comparadas a outras localidades do Estado (Tabela 7).

Tabela 7 - População urbana, rural, total e taxa de urbanização do município de Água Santa

Variável/ ano	População (Urbana)	População (Rural)	População (Total)	Taxa de Urbanização
1990	835	3.258	4.093	20,40%
1995	1.054	3.120	4.174	-
2000	1.172	2.955	4.127	28,40%
2005	1.229	2.416	3.645	33,70%
2008	1.398	2.248	3.646	38,30%

Fonte: FEE, 2009.

Ao analisar o valor adicionado fiscal do município de Água Santa constata-se que 93,63% das atividades econômicas referem-se ao setor agropecuário, seguido pelo setor de serviços, com participação de 3,02% (Tabela 8).

Tabela 8 - Valor adicionado fiscal por atividade econômica do município de Água Santa.

Especificação	Valor (em 1.000)	% total
Agropecuária	21.011	93,63
Extrativa Mineral	47,6	0,21
Indústria Transformação	57	0,25
Comércio Atacadista	57,1	0,25
Comércio Varejista	207,2	0,92
Serviços	679,8	3,02
Total	22.439,5	100,00

Fonte: FEE, 2009.



Entre as atividades agrícolas mais relevantes destacam-se a soja e o milho, culturas tradicionalmente cultivadas na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Tabela 9 – Produção das principais culturas permanentes e temporárias do município de Água Santa

Cultura	Quantidade produzida em 2008
Soja (ha)	11750
Milho (ha)	3000
Fumo (ha)	40
Trigo (ha)	3500
Laranja (t)	90
Erva-mate (ha)	35

Fonte: FEE, 2008.

Observando-se a evolução recente de alguns produtos (produção) do município pode-se perceber a manutenção e/ou ampliação da produção de culturas de verão, sobretudo, a soja e o milho, na última década, havendo, igualmente, um incremento da atividade leiteira e da cultura de inverno trigo no município (Dados da pesquisa, 2010).

Na pecuária destacam-se a avicultura, a produção de leite, a suinocultura e bovinocultura para indústrias transformadoras, de municípios vizinhos como Passo Fundo, Erechim, Marau, Tapejara, entre outros (Dados de Pesquisa, 2009).

Tabela 10 - Efetivo de pecuária e produção de origem pecuária do município de Água Santa

Efetivo/Produto	Unidade
Bovinos (efetivo)	7700
Leite (1.000 litros)	10008 (1.000litros)
Vacas ordenhadas (efetivo)	3300
Galos, frangos, frangas e pintos (cabeças)	990.000
Mel	9300(kg)

Fonte: FEE, 2008.

A maior parte da área rural do município de Água Santa enquadra-se nas características de unidades de produção familiares. Em um universo de 797 estabelecimentos localizados na área rural, 674 foram classificados como familiares, representando 85% do universo de unidades pertencentes à área rural do município (Censo Agropecuário, 2006).

Tabela 11 - Estabelecimento e área da agricultura familiar no Estado do Rio Grande do Sul e no município de Água Santa

Estado e Município	Agricultura familiar		Não familiar	
	Estab.	Área (ha)	Estabelecimentos	Área (ha)
Rio Grande do Sul	378 546	6 171 622	62 921	14 027 867
Água Santa	674	13 156	123	13 461

Fonte: Censo Agropecuário, 2006.

Quanto à condição do produtor, a grande maioria é constituída por proprietários dos estabelecimentos, que coexistem com uma pequena parcela de arrendatários, ocupantes e parceiros (Tabela 12).

Tabela 12 - Condição do produtor em relação às terras no município de Água Santa

Município	Condição do produtor em relação às terras								
	Proprietário		Arrendatário		Parceiro		Ocupante		Produtor s/área
	Est.	Área (ha)	Est.	Área (ha)	Est.	Área (ha)	Est.	Área (ha)	Est.
Água Santa	701	25 037	36	1 226	5	135	13	219	42

Fonte: Adaptado do Censo Agropecuário 2006.

Entre as unidades familiares do município a cultura da soja se faz presente em cerca de 71% das propriedades, enquanto a cultura do trigo é produzida em 19% das propriedades (Tabela 13), revelando a significativa participação destas culturas nas unidades familiares.

Tabela 13 - Produção, valor da produção e área colhida de soja e trigo de estabelecimentos familiares do município de Água Santa

Município de Água Santa	Produção, valor da produção e área colhida				
	Soja e Trigo				
	Estab.	Quantidade		Valor da produção (1 000 R\$)	Área colhida (ha)
Produzida (t)		Vendida(t)			
Soja	571	39 941	39 241	16 454	14 501
Trigo	153	12 069	11 956	4 750	4 349

Fonte: IBGE, 2006.

As máquinas e os implementos existentes nos estabelecimentos do município de Água Santa são utilizados, sobretudo, para a produção de cultivos de lavoura, denotando novamente um viés produtivo relacionado a culturas de verão e, em menor escala, a cultivos de inverno (Censo Agropecuário, 2006)

Um fato que merece atenção é que cerca de 84% das unidades familiares de Água Santa praticam o plantio direto na palha denotando o uso de práticas eficientes de preparo do solo. Este dado é relevante uma vez que se pode supor que esteja ocorrendo a modernização das máquinas e implementos de acordo com as necessidades tecnológicas das novas técnicas de cultivo e plantio.

Tabela 14 – Sistema de preparo do solo das unidades familiares de Água Santa

Município	Estabelecimentos					
	Sistema de preparo do solo					Nenhum
	Est.	Cultivo*	Cultivo**	Plantio direto na palha		
				Est.	Área (ha)	
Água Santa	664	14	11	644	17 347	133

\*Convencional (aração mais gradagem) ou gradagem profunda; \*\*Mínimo (só gradagem).

Fonte: Censo agropecuário, 2006.

O número de unidades de produção que possuem trator/tratores atinge 40% das unidades familiares. Cabe destacar que algumas unidades possuem mais de um trator para suas atividades produtivas e que ocorre troca de serviços entre proprietários vizinhos, visando o preparo da lavoura até a colheita (Dados de Pesquisa, 2009).

Tabela 15 – Tratores existentes nas unidades familiares do município de Água Santa

UF, Mesorregião, Microrregião e Município	Tratores existentes nos estabelecimentos					
	Total		Potência			
			Menos de 100 CV		De 100 CV e mais	
	Estab.	Quant.	Estab.	Quant.	Estab.	Quant.
Água Santa	308	429	286	333	78	96

Fonte: Censo Agropecuário, 2006

## **Análise da estrutura produtiva de duas unidades pesquisadas na área rural do município de Água Santa**

### *Perfil da unidade produtiva A*

A unidade localiza-se a 500 metros da RS 346, entre os municípios de Coxilha e Tapejara, no Estado do Rio Grande do Sul. A centralidade econômica da propriedade está representada pelos cultivos de soja e milho com a finalidade comercial. Além disso, a unidade apresenta a criação de vacas de leite com uma produção mensal de 800 litros, comercializada unicamente com a empresa Italac.

A superfície total da unidade produtiva é de 52 hectares, sendo 44 hectares de área útil e, 2 hectares com benfeitorias e 6 hectares com proteção permanente. A Tabela 16 apresenta o resumo da distribuição da superfície da propriedade.

Tabela 16 - Distribuição das atividades por hectare de área útil e superfície total

Utilização	Hectares
Pastagem Nativa	3,8
Horta	0,1
Soja	30
Milho	10
Pomar	0,1
Aveia	10
Azevem	30
Área útil	44
Proteção Permanente	6
Benfeitorias	2
Superfície total	52

---

Fonte: Dados de pesquisa (2009).

A área útil ocupada com a produção de soja é de 30 hectares e a com milho soma 10 hectares, tendo estas culturas a finalidade comercial. Com relação às culturas de subsistência destaca-se uma horta com 0,1 hectare, pastagem nativa/campo ocupando 3,8 hectares da área total, e pomar com 0,1 hectare. Convém salientar a prática, por parte do agricultor, de culturas de sobreposição (no caso, aveia e azevém) que, mesmo apenas para cobertura do plantio direto, ocupam 40 hectares durante o inverno, não sendo integralizadas à superfície útil para evitar dupla contagem.

Com relação às benfeitorias na unidade, destacam-se uma casa onde mora o proprietário com a esposa e dois filhos (que participam das atividades agrícolas na unidade), um galpão de madeira para armazenamento de máquinas, equipamentos e sementes dos cultivos e uma estrebaria para a ordenha do leite.

A Tabela 17 apresenta o inventário da maquinaria existente na propriedade. Embora a unidade produtiva em estudo tenha somente 44 hectares de área útil, apresenta significativo aporte em termos de maquinaria e equipamentos.

Tabela 17 - Inventário de máquinas e equipamentos da unidade produtiva

Máquinas e equipamentos	Preço
Trator Valmet 980	R\$ 50.000,00
Trator Ford 6600	R\$ 20.000,00
Caminhão Mercedes 1113	R\$ 45.000,00
Semeadora Imasa	R\$ 35.000,00
Automotriz New Holland	R\$ 50.000,00
Pulverizador Jacto 600	R\$ 5.000,00

---

Fonte: Dados de pesquisa, 2009.

O padrão e o número de máquinas para produção de culturas temporárias são em parte explicados pelo fato de a área agricultável ser mais ampla em tempos passados (ocorreram desmembramentos em

função de herança deixada pela família do proprietário da unidade em estudo).

A Tabela 18 apresenta o inventário da criação na unidade produtiva. Em função da área disponível, o produtor limita os investimentos em animais para criação, existindo apenas 5 vacas de leite e 2 bovinos para engorda. Nesse sentido o leite possui um caráter comercial e o gado possui a finalidade de consumo da família.

Tabela 18 - Inventário da criação da UPA

Criação	Quantidade	Preço	Montante
Gado de leite	5	R\$ 1.000,00	R\$ 5.000,00
Gado de corte	2	R\$ 800,00	R\$ 1.600,00

Fonte: Dados de pesquisa, 2009.

São comercializados 9.600 litros de leite ao ano, a um preço de R\$ 0,45 por litro, totalizando um ingresso de renda líquida de R\$ 4.320,00 durante um ano agrícola e permitindo um ingresso de renda líquida adicional no período.

A Tabela 19 apresenta os dados do autoconsumo familiar, durante um ano agrícola. Dentre as culturas e criações internalizadas na unidade produtiva, destacam-se os pomares de laranja e pêssego, uma horta com alface, cebola, beterraba e melancia. A atividade de criação, no que tange ao autoconsumo, pode ser destacada, pelo fato de a carne apresentar um maior desembolso monetário para aquisição no mercado.

Tabela 19 – Produção destinada ao autoconsumo na unidade de produção A

Cultura/ Criação	Quantidade	Preço Unitário (R\$)	Total (R\$)
Laranja	20 (kg)	1.99	39.80
Pêssego	20 (unidade)	2.20	44,00

Alface	200 (unidade)	0.50	100,00
Melancia	20 (unidades)	10,00	200,00
Cebola	20 (kg)	1.99	39.80
Beterraba	15 (kg)	2,00	30,00
Bovinos	2(cabeças)	800.00	1600,00
Leite	730(litros)	0,45	328.50
Queijo	30 (kg)	8,00	240,00
Total	-	-	2.622,10

Fonte: Dados de pesquisa (2009)

Para Kageyama (2005) a produção destinada ao autoconsumo significa uma fonte de renda importante na unidade, representando uma oportunidade para gastos com outras atividades, como a própria educação dos membros da família, ou aquisição de equipamentos, que é uma característica marcante das unidades produtivas do sul do país, diferentemente do que acontece nas demais regiões.

Na unidade em estudo percebe-se uma diversidade de produtos oriundos da agricultura destinados à alimentação na unidade familiar, representando uma “economia” significativa em termos monetários.

#### *Avaliação econômica da unidade produtiva A*

A propriedade conta com duas pessoas envolvidas nas atividades rurais durante os 365 dias do ano (mão de obra unicamente familiar).

Tabela 20 - Resumo dos indicadores de área e mão-de-obra

Indicador	Quantidade
Superfície Total - ST (ha)	52
Superfície Agrícola Útil - SAU (ha)	40
Mão de Obra Total (UTHs)	2
Mão de Obra Contratada (UTHs)	0



Mão de Obra Familiar (UTHf)

2

---

Fonte: Dados de pesquisa (2009)

Com relação ao produto bruto gerado na Unidade (Tabela 21), os resultados para um ano agrícola, com a respectiva proporção de cada cultura, estão apresentados na Tabela 21.

Tabela 21 – Produto bruto da unidade e participação relativa das culturas e criação

Cultura-Criação/PIB da Unidade	Valores (R\$)	Participação relativa (%)
Soja	54120	66.03
Milho	20900	25.50
Leite	4320	5.27
Autoconsumo da família	2622.1	3.20
Produto bruto total	81962.1	100.00

---

Fonte: Dados de pesquisa (2009)

Há que se destacar a forte dependência de culturas de verão, especialmente soja e milho. Tal fato aproxima-se da situação diagnosticada no Estado do Rio Grande do Sul, no qual 89.047 unidades familiares produzem soja e 226.311 unidades familiares cultivam milho (Censo Agropecuário, 2006). No município de Água Santa 571 unidades produtivas plantam soja o que corresponde a aproximadamente 72% das propriedades rurais deste município (IBGE, 2008).

Tabela 22 – Indicadores Econômicos da Unidade A (em R\$)

Produto Bruto Total (PB total)	81.962,10
Consumo Intermediário Total (CI)	39.760,62
Depreciação (DEP)	10.938,09
Valor Agregado Bruto (VAB)	42.201,47
Valor Agregado Líquido (VAL)	31.263,38
DVA (Imp. + Sal/ Enc. + DF + Arr.)	2.078,00
Renda Agrícola (RA)	29.185,38
Renda Total (RT)	29.185,38

Fonte: Dados de Pesquisa, 2009

A unidade de produção em estudo não recebe transferências ou rendas não agrícolas, ou seja, a renda total é igual à renda agrícola no período. Entre as informações constantes na Tabela 22, cabe salientar a alta participação do consumo intermediário e da depreciação da unidade, que somam, em conjunto, cerca de 52% em relação à produção total bruta.

Tabela 23 – Indicadores combinados

Indicadores combinados	Valores e área (R\$ e ha)
VAB/SAU	1.055,03
VAL/SAU	781,58
RA/SAU	729,63
RT/SAU	729,63
VAB/UTH	21.100,73
VAL/UTH	15.631,69
RA/UTH	14.592,69
RT/UTH	14.592,69
SAU/UTH	20 (hectares)

Fonte: Dados de pesquisa, 2009.

Quanto aos indicadores combinados com a Unidade de Trabalho Homem (UTH – que diz respeito à mão de obra ocupada com atividades rurais da unidade), o valor adicionado bruto é de R\$ 21.100,73, o valor adicionado líquido apresenta um resultado de R\$ 15.631,69 por pessoa. A renda total agrícola gerada na unidade é de R\$ 15.592,69 por trabalhador, cada trabalhador dispondo de 20 hectares úteis para a produção.

Avaliando os resultados adicionais (Tabela 24), o produto animal corresponde a 7,91% do total do produto gerado na unidade, já o vegetal responde por 92,08% do total, dada a centralidade das culturas de soja e milho na propriedade rural, que são hegemônicas na geração de renda agrícola. Com relação à participação do autoconsumo no total do produto gerado, observa-se um montante de 3,19%. Um ponto relevante para a análise da produção (vegetal e animal) para o autoprovisionamento das famílias é a análise da reprodução social e econômica das famílias.

Tabela 24 – Resultados adicionais da unidade produtiva A

<b>Resultados Adicionais</b>	<b>%</b>
PB animal/ PB total	7,91
PB vegetal/ PB total	92,08
PB subsistência/ PB total	3,19

Fonte: Dados de pesquisa, 2009.

Segundo Tartaruga (2005) é fundamental a análise dos contextos local e regional em que estão inseridas as famílias que apresentam parcela da produção para consumo próprio. O mesmo autor destaca que cada vez mais as unidades produtivas familiares são condicionadas por relações com o mercado local e/ou regional para muitas vezes transacionarem com mercados nacionais e internacionais na venda dos produtos da propriedade e para compra de insumos para a produção, mão de obra contratada etc.

Um componente adicional da agricultura familiar da região em estudo é a troca de trabalhos entre vizinhos por empreitada. Um exemplo é a

utilização de mão de obra familiar de vizinho no auxílio à produção de cultivos de verão e inverno, sobretudo soja e trigo. As relações de troca, sejam elas resultantes de produtos ou de serviços, adquirem uma função vital no que diz respeito aos aspectos econômicos e sociais dos agricultores familiares, pois são uma forma simbólica de pertencimento (sentimento de pertencer a uma determinada comunidade), assim como geram produção material para os grupos domésticos (AGNE, 2010).

Para Sabourin (2005), entre as formas de reciprocidade existe o tipo compartilhamento de trabalho que foi conceituado pelo autor da forma abaixo reproduzida:

O compartilhamento de trabalho (a metadosis de Aristóteles) constitui uma estrutura de reciprocidade ternária específica: cada um dá para a comunidade e recebe dos outros. Por exemplo, quando todos os membros da comunidade mobilizam-se para realizar um trabalho beneficiando a um agricultor (abrir uma roça) trata-se de um compartilhamento bilateral. Quando é para construir a casa de um jovem casal, ele é unilateral (2005, p.4).

A taxa de lucro da exploração agrícola dessa unidade é de 1,44% durante um ano agrícola.

#### *Perfil da unidade produtiva B*

A propriedade localiza-se na divisa entre os municípios de Tapejara e Água Santa, ambos no Estado do Rio Grande do Sul, próxima à rodovia RS 346, somando 108 hectares de superfície total. Nesta unidade são produzidos soja, milho e aveia preta. Adicionalmente ocorre a entrega de leite em pequena escala para a empresa Bom Gosto.

As benfeitorias ocupam uma área de 3 hectares da propriedade, composta por duas casas para a família (uma para o proprietário, que reside com a esposa e mais um casal de filhos, e outra para o filho, que já é casado e reside com a esposa), dois galpões (armazenagem da maquinaria e grãos para o plantio no ano subsequente), um chiqueiro

para a criação de porcos destinado ao autoconsumo, além de uma estrebaria para a ordenha das vacas de leite.

Tabela 25 – Distribuição das atividades por área útil e superfície total (em ha)

Atividade	Área (ha)
Pastagem Nativa	3
Horta	0,2
Soja	60
Milho	30
Pomar	0,15
Aveia	60
Azevém	30
SAU	93,5
Mato/ florestas	8
Açudes/ mananciais	0,5
Benfeitorias	3
Inaproveitável	3
Superfície Total	108

Fonte: Dados de pesquisa, 2009.

A maior parte das máquinas e equipamentos da unidade de produção é utilizada para cultivos da lavoura, sobretudo soja, milho, aveia e azevém.

Tabela 26 – Inventário de máquinas e equipamentos da unidade produtiva

Máquinas e Equipamentos	Quantidade	Valor Atual (R\$)
Trator Ford 5030	1	35.000,00
Trator Valtra 110	1	75.000,00
Caminhão Mercedes Benz 2013	1	50.000,00
Caminhonete S10	1	50.000,00
Semeadora Semeato	1	75.000,00
Automotriz New Holland TCS57	1	150.000,00
Pulverizador Jacto 600	1	8.000,00
Lancer JAM	1	6.000,00
Carreta Agrícola Mepel	1	10.000,00

Fonte: Dados de pesquisa, 2009.

Quanto ao inventário de criação, a unidade apresenta 6 vacas de leite, que geram 12.000 litros de leite por ano, comercializados com a empresa (indústria) Bom Gosto. A unidade também dispõe de 5 bovinos para eventual comercialização e consumo familiar, e 1 suíno para corte visando também o consumo familiar.

Tabela 27 – Inventário da criação na unidade

Animal	Quantidade	Valor Unitário	Valor Total (em R\$)
Vaca de leite	6	1000	6000
Gado de Corte	5	800	4000
Suínos	1	300	300

Fonte: Dados de pesquisa, 2009.

Além da produção animal para autoconsumo, o produtor possui pomar, horta e criação de galinhas, em pequena escala, com certa variedade de produtos para consumo da família na unidade. Percebe-se algum

conforto em relação à situação de segurança alimentar das famílias que residem na unidade produção.

Tabela 28 – Distribuição do autoconsumo na unidade produtiva

Consumo	Quantidade	Unidades	Preço Unitário	Valor Total
Chuchu	30	kg	2,00	60,00
Mandioca	10	kg	3,00	30,00
Laranja	40	kg	1,99	79,60
Pêssego	20	kg	2,20	4,40
Alface	200	Unidades	0,50	100,00
Agrião	100	Feches	1,00	100,00
Beterraba	40	kg	1,00	40,00
Bovinos	2	cabeças	700,00	1.400,00
Suínos	1	leitão	350,00	350,00
Leite	730	Litros	0,45	328,50

Fonte: Dados de pesquisa

#### *Avaliação econômica da unidade produtiva B*

A propriedade conta com 3 UTH de mão de obra unicamente familiar para o desenvolvimento das atividades agrícolas. O produto bruto gerado e as respectivas participações relativas por atividade são apresentadas a seguir (Tabela 29).

Tabela 29 – Produto bruto e participação relativa das atividades agrícolas

Atividade	Receita	Participação Relativa
<i>Soja</i>	118.680,00	58.52%
<i>Milho</i>	62.700,00	30.92%
<i>Aveia Preta</i>	9.990,00	4.93%
<i>Leite</i>	5.400,00	2.66%

<i>Bovinos</i>	3.500,00	1.73%
Produto Bruto		
Total	202.802,10	100.00%

Fonte: Dados de pesquisa, 2009.

A cultura da soja configura-se como a principal atividade agrícola da unidade com 58,52%. A participação da comercialização do leite é 2,66% em relação ao produto bruto total.

Tabela 30 – Obtenção do valor adicionado líquido da unidade

Indicador	Valor (em reais)
Produto Bruto Total	202.802,10
Consumo Intermediário	95.401,37
Depreciação	14.130,00
Valor Agregado Bruto	107.400,72
Valor Agregado Líquido	93.270,72
DVA (Imp. + Sal/ Enc. + DF + Arr.)	4.820,00
Renda Agrícola (RA)	88.450,72
Rendas não Agrícolas (RÑA)	0
Renda Total (RT)	88.450,72

Fonte: Dados de pesquisa, 2009

A unidade soma cerca de 54% do consumo intermediário e da depreciação em relação à produção bruta. Na combinação de indicadores obtidos pela unidade, obtiveram-se os resultados apresentados na Tabela 31.



Tabela 31 – Indicadores combinados

Indicadores	Valor e área (R\$ e ha)
VAB/SAU	1.148,67
VAL/SAU	997,54
RA/SAU	945,99
RT/SAU	945,99
VAB/UTH	35.800,24
VAL/UTH	31.090,24
RA/UTH	29.483,57
RT/UTH	29.483,57
SAU/UTH	31,16 hectares

Fonte: Dados de pesquisa, 2009.

Quanto à produtividade da mão de obra de cada indivíduo que desenvolve funções na propriedade, os indicadores apontam a apropriação de 31,16 hectares por cada UTH.

Avaliando os indicadores adicionais da unidade (Tabela 32), verifica-se que o produto bruto animal tem participação de 5,41% na geração de produção total, enquanto a parcela que corresponde aos cultivos vegetais resultou em 94,58%.

Tabela 32– Resultados adicionais da unidade B

Indicador	%
PB animal/ PB total	5,41
PB vegetal/ PB total	94,58
PB subst./ PB total	1,24

Fonte: Dados de pesquisa, 2009.

Já o autoconsumo representa 1,24% da renda gerada na unidade. Os resultados obtidos proporcionam uma taxa de lucro da exploração

agrícola de 1,90% ao ano, ou seja, a reprodução do capital investido aumenta nesse montante em cada ano agrícola.

*Análise comparativa das unidades de produção agrícola A e B*

Na Tabela 33 são apresentados alguns indicadores combinados das duas unidades investigadas nos estudos de caso. Os valores obtidos nas unidades são bastante próximos, porém a unidade B alcança, em relação à renda agrícola total, um resultado 22% acima da unidade A.

Tabela 33 – Comparação entre indicadores das unidades A e B

Indicadores	A	B
VAB/SAU	1055,03	1148,67
VAL/SAU	781,58	997,54
RA/SAU	729,63	945,99
RT/SAU	729,63	945,99
VAB/UTH	21.100,73	35.800,24
VAL/UTH	15.631,69	31.090,24
RA/UTH	14.592,69	29.483,57
RT/UTH	14.592,69	29.483,57
SAU/UTH	20 hectares	31,16 hectares

---

Fonte: Dados de Pesquisa, 2009.

Quanto ao lucro total, nota-se que a propriedade B apresenta uma taxa de 1,90% ao ano, ao passo que a unidade A obtém uma taxa de reprodução de 1,44% ao ano. Um componente importante na unidade A é o peso da produção destinada à subsistência, que apesar de representar somente 3,19% em relação à produção total (ou produto bruto) é cerca de 300% superior à unidade B.

Tabela 34 – Indicadores combinados das unidades A e B

Indicadores	A	B
PB animal/ PB total	7.916	5.41
PB vegetal/ PB total	92.08	94.58
PB subsistência./ PB total	3.19	1.24

Fonte: Dados de pesquisa, 2009.

A estratégia de utilização de culturas de sobreposição (inverno e verão) com finalidade comercial parece ser adequada, gerando maior otimização dos recursos disponíveis nas unidades.

Um ponto negativo das unidades A e B é sua forte dependência das culturas de soja e milho que prejudica as taxas de lucro, pois há uma aparente ociosidade no nível de tecnificação exigido por propriedades rurais desse porte (sobretudo na unidade A) associado à depreciação desse capital imobilizado.

A unidade A se configura numa alternativa viável de diversificação, notadamente pela comercialização de leite e por um maior aproveitamento dos recursos com produção animal.

Características marcantes na ocupação da região que circunda os municípios em estudo são as práticas derivadas do processo de colonização. O Rio Grande do Sul pode ser segmentado em três fases: a primeira se desenvolveu até 1850 na periferia de São Leopoldo; a segunda, a chamada marcha para o oeste, caracterizava-se pelo fato de a expansão de São Leopoldo ter tornado, em pouco tempo, necessária a fundação de novas colônias; a terceira, a partir de 1890, denomina-se o salto para o planalto (RÜCKERT, 1997).

A emergência da pequena propriedade na região do Planalto Médio, no norte do Rio Grande do Sul, coincide com a terceira e última fase das migrações internas de filhos de camponeses colonos do século XIX. Por volta de 1920, vieram para a localidade de Água Santa imigrantes italianos oriundos das regiões de Antônio Prado, Veranópolis, Garibaldi e arredores, formando assim o primeiro núcleo de moradores. Do ponto

de vista étnico, por exemplo, 95% da população de Água Santa é composta de descendentes de origem italiana; este fato é responsável pela presença de costumes, hábitos e tradições italianas (Prefeitura Municipal de Água Santa, 2010).

Em que pesem todas as dificuldades de parte significativa dos colonos frente ao processo de modernização da agricultura na região:

[...] a construção simbólica da unidade familiar, em meio a racionalidade técnico-econômica pode escamotear uma realidade conflituosa, não aparente, expressa nas questões de gênero, na divisão social e sexual do trabalho, na participação e sucessão do patrimônio, na indivisibilidade dos lucros (TEDESCO, 2006, p. 38).

Ainda Tedesco em estudo realizado com produtores agroecológicos da região de Passo Fundo, que compreende produtores do município em estudo, destaca o solidarismo na prática mercantil:

A variabilidade de alternativas associativas, comunitárias, familiares de trabalho demonstra o potencial dinamizador de racionalidades vindas de baixo, marcadas pela busca de autonomia e da cooperação. Autonomia e cooperação não se excluem; ganham, sim, novos sentidos: participação, responsabilidade, aumento de níveis de informação, de controle de processos de decisão (2006, p. 39-40).

Neste contexto, ressalta-se nas unidades de produção em estudo a manutenção de culturas, como a produção para autoconsumo. Ou seja, mesmo na unidade B (aparentemente mais eficiente sob a óptica econômica) mantêm-se, ao longo do tempo, relações de produção imbricadas e/ou derivadas de aspectos histórico-culturais e simbólicos.

## **Considerações finais**

No Rio Grande do Sul é evidente que as unidades de produção familiares e os setores a ela vinculados respondem por uma parcela expressiva da economia do Estado. Mesmo tendo em vista uma série de entraves, como insuficiência de terras, dificuldades creditícias, menor aporte tecnológico, fragilidade da assistência técnica e subutilização da mão de obra, sua participação na economia gaúcha tem se tornado maior ao longo dos anos.

Quanto à análise dos estudos de caso, em linhas gerais, as unidades apresentaram peculiaridades que contribuem para a minimização do êxodo rural das propriedades. Fatores como a forma de colonização e a herança cultural de povos europeus capacitaram os produtores a desenvolverem formas de associativismo, permitindo que pequenas unidades produtoras possam competir com as grandes propriedades. A cooperação mútua entre pequenos produtores e a disponibilidade de serviços agrícolas de forma terceirizada nos mercados locais suprem esse tipo de demanda da produção familiar e reduzem a diferença de rentabilidade que existe entre os cultivos em pequena e larga escala, gerando maiores oportunidades para a agricultura e pecuária familiar.

A diversificação da produção e as atividades comerciais no município de Água Santa aproximam-se das novas estratégias de manutenção dos produtores na atividade rural. Entretanto, deve-se ter cautela quanto à concentração de produção em culturas comerciais (como soja e milho) que necessitam de constante aquisição de capital e de inovações tecnológicas, recursos nem sempre otimizados pelos produtores no interior das unidades.

## **Referências**

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Hucitec, 1992.

AGNE, Chaiane Leal. **Agroindústrias rurais familiares e a rede de relações sociais nos mercados de proximidade na região Corede Jacuí Centro/RS**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre, 2010. 164 f.

ALBUQUERQUE, M. C. C. de; NICOL, R. **Economia agrícola: o setor primário e a evolução da economia brasileira**. São Paulo: McGraw Hill, 1987.

BARROS, G. S. de C. A transição na política agrícola brasileira. In: MONTOYA, M.A.; PARRÉ, L. J. (Org.). **O agronegócio brasileiro no final do século XX: Estrutura produtiva, arquitetura organizacional e tendências**. Passo Fundo, UPF Editora, 2000.

BLUM, R.. **Agricultura familiar: estudo preliminar da definição, classificação e problemática**. In: TEDESCO, J. C.. **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. 2. ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p. 107-148.

BRANDT, S. A.. **O mercado agrícola brasileiro**. São Paulo: Nobel, 1979.

DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. Da. (org.). **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

DUFUMIER, M. **Projetos de desenvolvimento agrícola: manual para especialistas**. Tradução: COUTO, V. A. Salvador: Ed. UFBA, 2007.

ELLIS, F. **Rural livelihoods and diversity in developing countries**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

EMBRAPA TRIGO,  
[http://www.cnpt.embrapa.br/noticias/2007/clippagem/clipp\\_06\\_2.pdf](http://www.cnpt.embrapa.br/noticias/2007/clippagem/clipp_06_2.pdf) 2007.

FERREIRA, T. N. e GAUSMANN, E. (1996): **Extensão Conservacionista, Educação Ambiental, Capacitação Técnica e Pesquisa: Rio Grande do Sul – Brasil**. Artigo apresentado no Seminário sobre Manejo de Bacias Hidrográficas no Cone Sul da América Latina. Blumenau, SC, de 18 a 22 de novembro de 1996.

FIBGE, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censos Econômicos do Rio Grande do Sul, 1950 - 1995/96. Rio de Janeiro: IBGE, 1998, n.22.

\_\_\_\_\_. Censo Agropecuário. IBGE, 1970, Rio de Janeiro:IBGE, 1974.

GASQUES, J. G. e VILLA VERDE, C. M. **Crescimento da agricultura brasileira e política agrícola nos anos oitenta.** Agricultura em São Paulo, São Paulo, v.37, n.1,

P.183-204, 1990.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A nova dinâmica da agricultura brasileira.** Campinas, SP: UNICAMP. IE, 1996.

GRIZA, C. **A produção “Pro Gasto” Um estudo comparativo do autoconsumo no Rio Grande do Sul.** 2007. Dissertação de mestrado. Programa de Pós –Graduação em Desenvolvimento Rural.Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GUANZIROLI, C et al.: **Diretrizes de Política Agrária e Desenvolvimento Sustentável.** FAO. Revista da Reforma Agrária. 1998. Vol. 2, n. 2.

GUANZIROLI, C ET AL (2001): **Agricultura Familiar e Reforma Agrária no século XXI.** Garamond. Rio de Janeiro, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Matriz insumo produto:** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 18 nov.2005

KAGEYAMA, Ângela A e GRAZIANO DA SILVA, José. **Produtividade e emprego na agricultura brasileira.** Desenvolvimento capitalista no Brasil, n.2 — Ensaio sobre a

Crise, Brasiliense, p.192-222, 1983.

KAGEYAMA, A. **Desenvolvimento Rural no Rio Grande do Sul.** In: I Colóquio Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural do GEPAD, 2005, Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2005.

KAGEYAMA, A. **Alguns efeitos sociais da modernização agrícola em São Paulo**. In: MARTINE, G. e GARCIA, R. C. (Orgs.). Impactos sociais da modernização agrícola. São Paulo: Caetés, 1987 p.99-124.

LEITÃO, T., **Produção agrícola registra recorde em 2008 com alta de 9,1%**. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2009/10/16/materia.2009-10-16.7058464642/view> <Acesso em: 10 nov. 2009.

LEITE, Sérgio (Org.). **Políticas públicas e agricultura no Brasil**. Porto Alegre, Ed. da Universidade (UFRGS), 2001.

MARTINS, Fernando. **É bom sermos o celeiro do mundo**. 2008. Disponível em: <http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/colunistas/conteudo.phtml?l=1&id=789731&tit=-bom-sermos-o-celeiro-do-mundo> <Acesso em: 10 nov. 2009.

MARQUES, P. V.; AGUIAR, D. R. de. **Comercialização de produtos agrícolas**. São Paulo: EDUSP, 1993.

MAZOYER, M; ROUDART, L. **História das agriculturas do mundo**. Do neolítico à crise contemporânea. Lisboa. Editions du Seuil, 1997/1998.

MELLO, F. Homem de. **Um diagnóstico sobre produção e abastecimento alimentar no Brasil**. In: AGUIAR, Maria de Nazareth (org.) Questão da produção e do abastecimento alimentar no Brasil: um diagnóstico macro com cortes regionais. — Brasília: IPEA/PNUD/ABC, 1988.

MENDES, J. T. G.. **Economia agrícola: princípios básicos e aplicações**. Curitiba: Scientia et Labor, 1989.

MONTOYA, M. A.; GUILHOTO, J. J. M.. **Mudança estrutural no agronegócio brasileiro e suas implicações na agricultura familiar**. In: TEDESCO, J. C.. Agricultura familiar: realidades e perspectivas. 2. ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p. 179-222.

MOREIRA, Roberto José. **Economia política da sustentabilidade: uma perspectiva neomarxista**. In: COSTA, L. F. C.; MOREIRA, R.



J.; BRUNO, R. (Orgs.). **Mundo rural e tempo presente**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

MOREIRA, Roberto J. Pensamento científico, cultura e Eco-92: alguns significados da questão ambiental. In: **Reforma Agrária Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária**, v. 23, 1, (14-39) jan/abr. 1993.

MÜLLER, C. A. **A história econômica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Banrisul, 1998.

NIEDERLE, P. A.; WESZ JUNIOR, V. J. **A agroindústria familiar na região Missões: construção de autonomia e diversificação dos meios de vida**. In: Revista REDES, Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 3, p. 75 – 102, set./dez. 2009.

PLOEG, J. D. V. D. **Labor, markets, and agricultural production**. Boulder: Westview Press, 1990.

RATHMANN, R.; HOFF, D. N.; SANTOS, O. I. B.; PADULA, A.D. **Diversificação produtiva e as possibilidades de desenvolvimento: um estudo da fruticultura na região da Campanha no RS**. In: RER, Piracicaba, SP, vol. 46, nº 02, p. 325-354, abr/jun 2008 – Impressa em junho 2008

REIS, B. G. **O feijão soja, uma máquina de produzir utilidades**. Porto Alegre: Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul, 1956. 8p. (Circular, 41).

RÜCKERT, A. A. **A trajetória da terra ocupação e colonização do centro-norte do rio grande do Sul – 1827-1931**. Passo Fundo: EDIUPF, 1997.

SABOURIN, E. Práticas sociais, políticas públicas e valores humanos. In: Colóquio agricultura familiar e desenvolvimento rural 1., 2005. Porto Alegre: GEPAD / PGDR / UFRGS, 2005b. **Anais...** 17 p. 1 CD-ROM.

SANTANA, A. C.; FERREIRA, P. A.; ALENCAR, E. **Diversificação da agricultura familiar no Sul de Minas Gerais: uma análise da percepção de professores e pesquisadores**. In: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Porto Alegre, 26 a 30 de julho de 2009.

SCHNEIDER, Sérgio. Agricultura familiar e emprego no meio rural brasileiro: análise comparativa das Regiões Sul e Nordeste (página acessada em 16 de novembro de 2009).

\_\_\_\_\_. **A Pluriatividade na Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

SCHNEIDER, S.; WAQUIL, P. Desenvolvimento agrário e desigualdades regionais no Rio Grande do Sul: uma caracterização socioeconômica a partir dos municípios. In: VERDUM et al. **Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

SHEAN, M. J. Brazil: **Future Agricultural Expansion Underrated**. Washington: Production Estimates and Crop Assessment Division, FAZ/USDA, Jan. 2003.

SILVA NETO, B. et al. **Sistemas Agrários do Rio Grande do Sul: Análise e recomendações de políticas**. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

SILVA, Joaquim; PENNA, J. B. Damasco. **História Geral**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1972.

TARTARUGA, Iván G. Peyré. O conceito de território para a análise do desenvolvimento rural. In: **Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural**. Ribeirão Preto, 2005. Anais.

TEDESCO, J. C. **Agrodiversidade, agroecologia e agricultura familiar: velhas e novas faces de um processo de desenvolvimento na região de Passo Fundo-Pós-anos 90**. Passo Fundo; Ed. UPF: Porto Alegre, EST, 2006.

TESCHE, R. W. **As relações de reciprocidade e redes de cooperação no desempenho socioeconômico da agricultura familiar: o caso dos produtores de leite do município de Sete de Setembro/RS**. 2007. Dissertação de mestrado. Programa de Pós – Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

THOMPSON, A. A. **Microeconomia da firma: teoria e prática**. 6. ed. Rio de Janeiro: Prentice Il do Brasil, 1998.

VARGAS, M. A.; OLIVEIRA, B. F. Agricultura familiar e estratégias de diversificação: análise comparativa da viabilidade econômica de culturas alternativas ao fumo na região do Vale do Rio Pardo–RS/Brasil. In: **XII Encontro Regional de Economia ANPEC Sul. 11 a 13 de agosto**, Porto Alegre, 2010.

YIN, R.K. **Estudos de Caso: planejamento e métodos**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

**Artigo recebido para publicação em:**

04 de agosto de 2010.

**Artigo aceito para publicação em:**

04 de janeiro de 2011.

**Como citar este artigo:**

BEZZUTI, Hélder; FRITZ FILHO, Luiz Fernando; FRITZ, Karen Beltrame Becker. “A Agricultura familiar no município de Água Santa – RS: um estudo de caso dos indicadores agropecuários, estratégias de diversificação e autoconsumo em duas unidades de produção”. In: *Revista IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade*, Rio de Janeiro – RJ, v. 5, n. 1, p. 116-159, 2011.